

A Architectura Portugueza

REVISTA MENSAL

DA

ARTE ARCHITECTURAL

ANTIGA E MODERNA

Collaborada por architectos e escriptores d'arte portugueza

ANNO IV — N.º 1 JANEIRO DE 1911

SUMMARIO

O nosso anniversario — *Redacção.*
Predio para rendimento, do sr. Apollinario Contreras Pinheiro, na rua Pinheiro Chagas, tornejando para a rua Philippe Folque — *J. d'Oliveira.*
Projecto do predio do sr. Contreras Pinheiro — Architecto, sr. *Norte Junior.*
O Monumento de Malra — Inedito de Guilherme de Carvalho Bandeira, com anotações de *Julio Ivo.*
Intercalares I e II do projecto.

ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADRENTADO)

Trimestre	\$900	Para os paizes da união post al	
Semestre	1\$800	Anno	4\$500
Anno	3\$600	Anuncios pela tabela con-	
Avulso	\$400	forme o espaço.	

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA PASCHOAL DE MELLO, 13
■ ■ ■ LISBOA ■ ■ ■

TYP. DE ANTONIO M. ANTUNES
CALÇ. DA GLORIA, 6 A 10
■ ■ ■ LISBOA ■ ■ ■

A ARCHITECTURA

Revista mensal
de construção
e de architectura pratica

Editor, Director e Proprietario — Nunes Collares
Secretario da Redacção — Mario Collares

Composto e impresso na Typ. de A. M. Anneses — Calçada da Gloria, 6 a 11
Photographias de arte e desenhos — Gravura de Vires Marinho & C.ª

PORTUGUEZA

REDACCÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PASCHOAL DE MELLO, 13 — LISBOA

O nosso anniversario

Atravez mil difficuldades, entra esta revista no seu quarto anno de publicação.

E, repetimos, atravez de mil difficuldades, pois que no restricto meio em que vivemos não é facil sustentar uma revista d'esta ordem, lutando contra a falta de todos os elementos mais necessarios á sua sustentação.

No entanto, mercê de um pouco de energia e trabalho, assim como do auxilio de dedicados assignantes e annunciantes, conseguimos o que muitos suppunham impossivel, isto é, vencer grandes attrictos, durante tres annos, e entrar, no quarto, senão no apogeu de prosperidades, pelo menos com relativo desalogo.

E' possivel que melhor podessemos fazer, se para tal tivessemos maior auxilio, mas, o que está feito representa aturado trabalho e não pequena somma de boa vontade.

E esta não nos falta para continuarmos na senda trilhada, esperando mesmo melhorar tanto quanto possivel, esta publicação se nos fór continuado, como esperamos, o auxilio dos nossos collaboradores, assignantes e annunciantes, aos quaes agradecemos o ter-nos ajudado n'esta cruzada em que temos empregado todos os esforços para corresponder á confiança que em nós depositaram.

A REDACÇÃO.

PREDIO PARA RENDIMENTO
DO SR.

Apollinario Contreiras Pinheiro

Na rua Pinheiro Chagas,
tornejando para a rua Filippe Folque

ARCHITECTO: — NORTE JUNIOR

Começamos o nosso quarto anno de publicação reproduzindo mais um trabalho do distincto artista e nosso illustre amigo, sr. Norte Junior, que tantas vezes tem honrado as columnas d'esta revista com as inspirações do seu genio.

Cultor, como poucos, da bella arte da architectura, á qual dedicou todo o seu talento, Norte Junior tem-se sabido salientar de entre o grupo dos novos de talento, pelo seu aturado estudo, e, por isso dia a dia, vemos o seu genio manifestar-se, nas grandes como nas pequenas concepções.

Ama a sua arte, pela arte, dando-lhe tudo o que a sua inspiração lhe suggere, sem olhar, bastas vezes, aos proventos e só tendo em mira o prazer do trabalho realisado.

E, poucas artes, como a architectura, se prestam ao estudo e é iniciativa do homem. Achar a primeira manifestação de qualquer arte era trabalho curiosissimo se para tal houvessem meios necessarios e sufficientes, e se a legenda não viesse aqui, como nas produções maravilhosas do espirito, desenhar a traços phantasticos e pittorescos o caminho da verdade. Essa falta e esse colorido enganador em arte alguma se apresentam, como na architectura, que é a arte primitiva. Isto que deduzimos das primeiras necessidades dos homens é plenamente confirmado pelo proprio fim da arte.

O elemento espiritual da arte primitiva deve corresponder ao grau de cultura do primeiro artista, e a architectura é a arte onde mais grosseira se nos apresenta a manifestação do ideal, e onde encontramos mais apoucados e mesquinhos os materiaes artisticos. Restringindo estes materiaes e enfraquecendo aquella manifestação, não chegaremos nós a formular a hypothese provavel da primeira manifestação da architectura?

A Historia, nas suas primeiras paginas, apresenta-nos já *cabanas* e *templos*. Os eruditos debateram a questão dos materiaes do edificio: *A cabana, o templo, seriam de madeira, como julga Vitruvio, ou de pedra como julgam alguns? Posse qual fosse o*



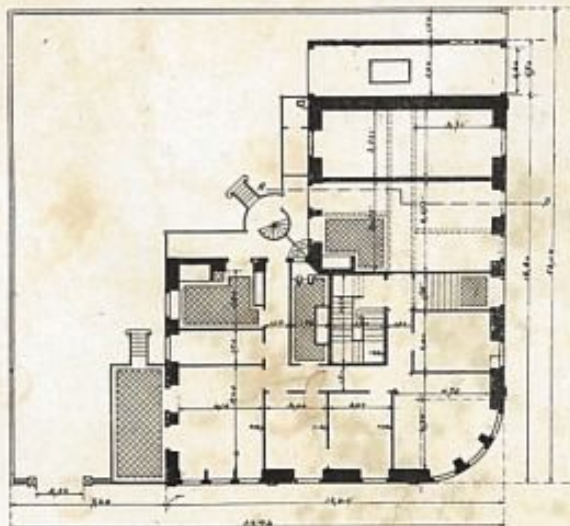
Detalhe da fachada sobre a rua Filippe Folque

material do templo, nós não podemos deter-nos na questão, descurando do seu principio. O templo, de modo algum poderá ser a primeira architectura; embora elle fosse o recinto de quatro pedras que abrigasse um symbolo, a não suppormos um grau

elevadissimo de cultura intellectual e religiosa nos povos da infancia das artes, devia pertencer á escultura inorganica; facto este que desfaz a hypothese e nos lança na concepção de uma arte desenvolvida e mais ou menos correctea.

Além d'isto, posto que a primeira manifestação social coincida, historicamente, com a manifestação religiosa, só em theoria podemos conceber o templo anterior á cabana.

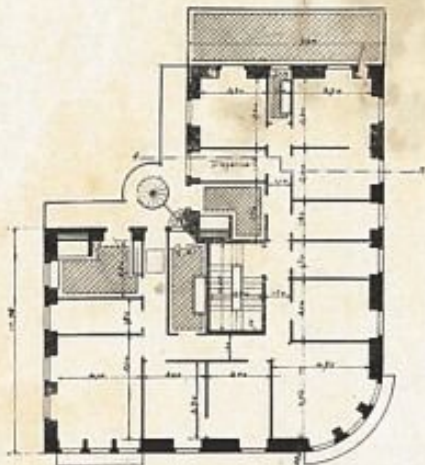
A cabana suppõe já um numero limitado de materiaes e uma necessidade menos collectiva e mais grosseira do que o templo,



Planta do rez do chão e lojas

e seria indubitavelmente o primeiro trabalho humano, caso não podessemos restringir ainda o numero de materiaes de edificação. Effectivamente a gruta, o subterraneo, a cova, são o extremo da architectura, se tal nome de arte podemos dar ao primeiro trabalho humano!

A architectura subterranea chegou depois ao seu maximo desenvolvimento na India e no Egypto e nada tráz surpreendente do que os subterraneos de Salsete, de Ellora, da Nubia e a parte do labyrintho que Herodoto nos diz ter a extensão do

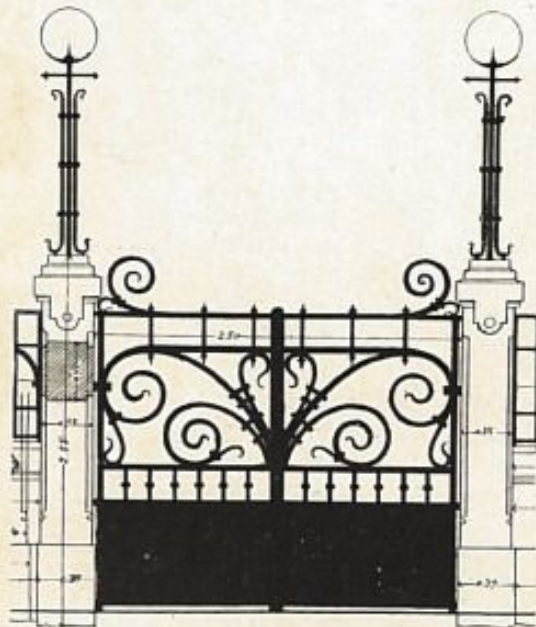


Planta dos andares

lago Môeris. N'essas prodigiosas excavações, diz Hegel, mostra-se primeiramente a necessidade de um recinto fechado por todos os lados. Só a uma imperiosa necessidade podemos attribuir que os homens procurassem asylos n'essas cavernas, e que povos inteiros não tivessem outra habitação. Existem tambem nas montanhas da Judéa, onde se encontram os milhares, dispostas em muitos andares. Ha tambem no Harz, perto de Gortlar, em

Rammelsberg, camaras onde os homens se introduziam de rastos e occultavam as suas provisões. Mas as obras de architectura subterranea dos indios e egypcios eram de genero diverso. A principio serviram de logar de reunião. Eram especies de cathedraes subterraneas, feitas com o fim de inspirarem uma surpresa religiosa, a concentração, excitada ainda pela vista das imagens e das representações symbolicas, das columnatas, das sphinges, memmones, elephants, idolos colossaes abertos no proprio rochedo, erguendo-se em grupos e de toda a altura da massa, ainda informe, da pedra.

Em frente do rochedo muitos d'esses edificios eram abertos; outros, eram absolutamente sepultados em trevas, ou apenas illuminados com fachos; alguns eram unica e estreitamente abertos por cima. Comparadas com os edificios que se elevam sobre o solo, taes excavações representam o que ha de mais primitivo. De modo que podemos considerar os esboços extraordinarios de architectura acima do solo, como uma imitação e uma vegetação da architectura subterranea, e que termina á superficie da terra. Porque aqui nada ha positivamente edificado; é o quer que é de terraplenado e de disformemente trabalhado. Cavar uma habitação é mais natural do que cortar, procurar os materiaes para os reunir e aperfeiçoar depois. Podemos, debaixo d'este ponto de vista, conceber como a caverna precedeu a cabana. Nas cavernas, continua Hegel, trata-se simplesmente de alargar e não de limitar; ou se é necessario limitar e apertar um espaço, o abrigo



Portão de entrada para a parte posterior do predio pela rua Philippe Folque

já existe. A architectura subterranea, consequentemente, parte do que já é dado; e como deixa subsistir a massa principal tal como está, não se desenvolve ainda tão livremente, como a que constroe acima do solo.

Parece-nos do mais alto relevo a historia das syntheses que tem alcançado os povos, porque para conseguil-as necessitam-se, de ordinario, o concurso de varias gerações e de todos os interesses da sociedade, deixando, portanto, mais funda impressão que os anteriores. E, se aquellas que se referem ás obtidas pelas Bellas Artes, e, particularmente, ás que realisaram os grandes monumentos de architectura, de caracter nacional hellenico, o interesse augmenta consideravelmente, porque este povo fez obras, cujo merito é hoje a admiração da posteridade, tendo servido de base para as construcções que realisou o mundo antigo romano e as que se tem feito desde o seculo XVI até esta data.

A este respeito diz um distincto cathedratico de archeologia: «póde comparar-se a arte grega á bella Minerva de Phidias, que por cima dos templos da Acropolis, dominava a terra e o mar; alta, immutavel, o casco na cabeça, a lança na mão, mostra o

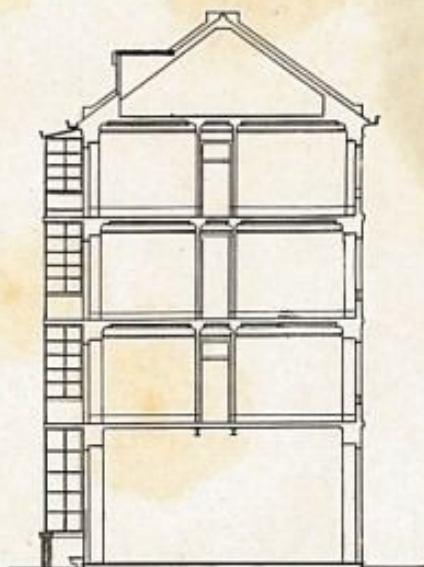
caminho da victoria a todos os que sustentam o eterno combate pelo verdadeiro e bello.

As fontes da cultura do archipelago grego tem sido objecto de muitas investigações, de muitas theorias e de muitos erros, suppondo uns que não tiveram depois de constituídos no paiz nenhuma comunicação com o Oriente; affirmando outros que não foram mais do que servis imitadores do Egypto e dos imperios da Asia Menor, cujas opiniões são, segundo o mesmo alludido professor, igualmente equivocadas, não resistindo a primeira á critica e descançando a segunda em falsas observações, ou, pelo menos, superficiaes, das artes gregas.

A influencia directa do Oriente só se manifesta nos monumentos em alguns detalhes primitivos, como por exemplo, nas bases de supportes e volutas de capiteis, que são de origem indu; nos triglyphos e metopas que se vêem pela primeira vez no hypogeo egypcio de Me-teharra; n'este paiz, no tumulo de Beni-Hassan, as columnas são estriadas a arestas vivas, á maneira que depois se chama *dorica*; e tambem se encontram estrias, mas separadas por um pequeno espaço, nos pilares do terraço de Persépolis; porém, no que se refere á estructura do templo, á sua composição, ao seu conjuncto, á forma geral do seu polyedro, nada tem de commum com o de outros povos, julgando-os os hellenos do seu proprio fundo e por isso leva o sello do seu caracter nacional; e, até esses mesmos elementos, francamente orientaes, ao ser empregados e apropriados na remota edade a que nos referimos, souberam metamorphoseal-os de tal forma, que lhes imprimiram o sentido e o tom das localidades onde se empregaram pela primeira vez.

Não se pôde precisar de uma fôrma positiva o principio da civilização pelásgica ou dos gregos da legenda; porém, por excavações praticadas em Troya, Argos, Amphisa, Micenas e outras acropolis, suppõe-se que começou a partir do anno 1500 antes da era christã e terminou com os movimentos e emigrações verificadas entre o seculo IX e X, antes tambem da mesma era.

N'esta época operou-se na Grecia uma revolução profunda que transformou o paiz até na sua constituição fundamental, dando-lhe a organização politica sob a qual a conhece a historia.



Corte por A B

Os principaes agentes d'esta revolução foram os dorias, que, desde o Monte Olimpo e os limites septentrionaes do territorio, invadiram a nação dirigidos pelos descendentes de Heracles, occupando depois de varia fortuna o Peloponeso, onde succe-

deram ao antigo povo *jonico*, e, successivamente, a Mesenia, Corintho e outros, cuja dominação obrigou a emigrar do paiz muitos individuos os quaes fundaram nas costas da Asia Menor, nas de Africa, nas de Italia, na França (Marselha), nas ilhas de Chios, Lebos e alguns pontos mais, colonias jonicas, alargando



Fachada posterior

d'esta fôrma a influencia grega e chegando em poucos annos, pela navegação, commercio e industria, a um florescimento e importancia superior ao da metropole.

D'esta lucta entre *doricos* e *jonicos*, surgiram as ordens fundamentaes da architectura, *ordem dorica* e *ordem jonica*, sendo a primeira de data mais remota constituindo principalmente a sua belleza no emprego quasi exclusivo da linha recta, disposta, já em sentido horizontal, já em sentido vertical, porém, dominando a primeira a segunda e cortando-se quasi sempre de modo que formem angulo de noventa graus ou que se approxime a esta medida.

A *ordem jonica*, em cujo desenvolvimento foi livre de assimillar-se tudo o que podera couvir-lhe, empregando fôrmas doces, preciosas e afeinadas, resultando um conjuncto de aspecto gracioso e risonho, foi mais atenciosa na decoração; as columnas tem bases e o capitel, que é a caracteristica d'este estylo, avança por ambos os lados até aos vãos, envolvendo-se em volutas como parecendo que cede á carga que incide sobre elle; em geral, o detalhe não está cingido com tão fortes ligaduras ao conjuncto como succede na *dorica*, resultando em summa a ordem mais expansiva e liberal.

As ordens de architectura não ficaram envolvidas e sepultadas nos escombros da arte grega; sobreviveram á sua queda e foram a base das construcções feitas durante o imperio romano e do periodo chamado do Renascimento, sendo hoje em dia um dos factores mais importantes da composição architectonica.

Com o gosto que temos pela bella arte architectonica e com tudo o que se lhe refere, afiastamo-nos bastante do fim que tinhamos ao fallar da obra do sr. Norte Junior. Que nos releve os nossos leitores a massada, porque, realmente, a pretexto do bello predio do sr. Contreras Pinheiro, irmos falar da archite-

ctura das *cabanas*, *cavernas* e outros alojamentos prehistoricos, passar depois aos egypcios e acabar nos gregos, não tem desculpa alguma senão na extrema benevolencia de quem nos lê, se é que alguém se dá a esse trabalho.

A casa do sr. Contreras, está bem longe de ser uma *cabana* ou *caverna*. É antes um bello predio, para bastantes moradores, que n'elle tem todas as commodidades e confortos da habitação moderna, bem longe da do homem primitivo, que com pouco se contentava.

Hoje, as exigencias da civilisação e do progresso cada vez impõem ao homem mais necessidades a que é forçoso attender e, se bem que muito se tem feito no nosso paiz, especialmente na capital, relativamente a este assumpto, ainda estamos longe do conforto que se nota nas habitações de outras grandes capitães mundiaes, como Paris, Vienna, Berlim, etc.

A casa do sr. Contreras como outras mais ultimamente construidas, já marca um progresso digno de registo.

Interior e exteriormente ha conforto e agasalho. A disposição da fachada posterior, com as varandas ou terraços, resguardados por envidraçados de alto a baixo, é uma prova do cuidado do proprietario em proporcionar aos seus inquilinos um conforto, o que infelizmente é ainda raro.

A bella propriedade é, finalmente, no seu genero, uma das meliores da capital, sem arrebiques recócos ou uma arte-nova feita a *forceps*, é seria e ao mesmo tempo artistica.

Os seus corpos lateraes são bem lançados e elegantes, especialmente o da rua Filippe Folque, tendo uma ornamentação cuidada e elegante.

É, enfim, uma propriedade que honra por igual o artista que a delineou e o proprietario, que n'ò leve só em vista, como em regra os seus collegas, auferir lucro do capital empregado. Quiz tambem dar aos seus rendeiros, et. troca de justa compensação, um pouco mais do que espaços quadrados ou quadrilongos para habitar. Deu-lhes divisões vastas e saudaveis, abrigadas, hygienicas e confortaveis, não faltando, com os meliores materiaes, em lugar de lazer como muitos, que só com a mira no lucro, leem mandado arranjar umas casas a que pomposamente dão o nome de habitações, talvez meoia confortaveis do que as taes *cabanas* e *cavernas* dos primitivos tempos de que atraz fallámos!

Nada mais nos resta dizer, senão que a construção é esmerada e deve-se ao intelligente e habil constructor civil, sr. Joaquim Guerra, que se houve com toda a competencia.

J. DE OLIVEIRA.

O Monumento de Mafra

INEDITO DE GUILHERME JOSÉ DE CARVALHO BANDEIRA

(Continuação)

No dormitorio da p.^a do frente, está huma casa grande com quatro columnas de pedra, e assentos em roda, com cinco janellas rasgadas, duas nos lados, e tres na frontaria, q.^a olham para o cerco. Esta casa q.^a estiver acabada hade servir de se ajuntarem nella os Religiosos a conversar naquellas horas q.^a tiverem destinadas para isso. Do tamanho desta casa fica por baixo outra q.^a tem o seu pavimento no primeyro plano, e chega na altura do este terceyro: tem assentos em roda, e cinco arcos de pedra, q.^a são os portaes, por onde se hade fazer serventia para o cerco e agora só a tem por hum passadico de madr.^a q.^a fica no dormitorio desta mesma banda pertencente ao segundo plano desta quadra. Esta casa entendesse q.^a depois de acabada servirá tambem para conversação, como a outra de q.^a temos dados noticia.

Neste dormitorio ha hum dos tres carcereos referidos, e este terceyro por cima do segundo e o segundo por cima do primeyro, e todos são feitos com muita segurança, com paredes dobradas, duas grades de ferro na janella, e huma por dentro da porta. Estas casas são lageadas, e não sobradadas como as cellas, porem tem a mesma abobeda.

No dormitorio da banda do sul, estão duas varandas com-

pridas, e altas cada huma tem tres arcos de cantaria grandes com grades de ferro q.^a cahem sobre os Jardins da Portaria principal, e servem aos Religiosos de refrigerio quando de Inverno buscio o calor do sol. Estas varandas fazem lado ao receptaculo d'este terceyro plano, aonde como nos mais planos, vem sahir a Escada da Portaria principal, antes de entrar nos Dormitorios.

São estes receptaculos, huns por cima dos outros em todos os quatro planos, humas casas grandes, ouradas, com assentos de p.^a angelim em redondo, sobre caxorros de pedra, e nas cabeceyras tem duas janellas grandes com arcos de pedra, e vidrassas enteyrissas encaixilladas ao uso Inglez, como são todas as mais.

(Continúa).

BIBLIOGRAPHIE

Publications étrangères reçues :

Espagne

Arquitectura y Construccion — Barcelona.
Construccion Moderna — Madrid.
El Ebanista Moderno — Barcelona.

France

Construction Lyonnais — Lyon.
Construction Moderne — Paris.
Revue Général de la Construction — Paris.
Revue Pratique des Industries Métallurgiques — Paris.
Villas & Maisons de Campagne — Paris.

Angleterre

Architect — London.
Building World — London.
Illustrated Carpenter & Builder — London.
Journal of The Royal Institute of British Architects — London.
Plumber & Decorator — London.
Work — London.

Italie

Edilizia Moderna — Milano.

Allemagne

Wochenchrift des Architekten Vereins zu Berlin — Berlin.

Autriche

Architect — Wien.

Russie

Zedruky — St. Pétersbourg.

Suède

Arkitektur — Stokholm.

Norvège

Arkitektur — Kristiania.

Danemark

Arkitekten — Copenhague.

Expediente

Aos cavalheiros a quem pela primeira vez enviamos esta revista, pedindo-lhe a coadjuvação da sua assignatura, desde já agradecemos a fineza da sua acquiescencia.

(*) A primeira d'estas casas, que fica no terceiro plano, tem tido varias applicações. Ultimamente serve para o ensino do manejo d'armas e instrução de tiro. A segunda, que fica no primeiro plano, foi ha muitos annos transformada em cavallaria.

J. Ivo

Predio para rendimento
DO SR.
APOLINARIO CONTRERAS PINHEIRO

Na Rua Pinheiro Chagas, tornejando para a Rua Filippe Folque



PERSPECTIVA DAS FACHADAS SOBRE AS RUAS PINHEIRO CHAGAS E FILIPPE FOLQUE

Predio para rendimento

DO SR.

APOLINARIO CONTRERAS PINHEIRO

Na Rua Pinheiro Chagas, tornejando para a Rua Filippe Folque



PERSPECTIVA DAS FACHADAS SOBRE A RUA FILIPPE FOLQUE E POSTERIOR

ARCHITECTO: NORTE JUNIOR

ANNO IV — N.º 1